



Carta de Natal 2012 do Abade Geral

## **Confortados na fé**

Queridos Irmãos e Irmãs Cistercienses,

O Ano da fé nos estimula a viver os tempos litúrgicos e o tempo quotidiano de nossas vidas com um desejo maior de aderir a Cristo, que pela fé habita em nossos corações, como em Maria, para dar-nos conhecer toda a plenitude do seu amor (cf. Ef 3,17-19).

### **Montanhas para mover**

Muitas vezes, porém, os problemas e dificuldades da vida nos distraem desta experiência, porque se acumulam, sobrepõem e entrelaçam. Nos sentimos impotentes, e nasce em nós a tentação de desejar uma grande solução, uma solução imensa que resolva tudo, que coloque tudo no lugar, que faça progredir tudo em um instante ou faça retornar tudo ao ponto de partida, inocente e puro, como o paraíso terrestre.

Jesus parece levar a sério este sentimento quando nos fala da fé que move montanhas. "Se tiverdes fé, como um grão de mostarda, direis a esta montanha: Transporta-te daqui para lá, e ela irá; e nada vos será impossível." (Mt 17,20). Talvez o diz com um pouco de ironia, para nos ajudar a tomar consciência da nossa pretensão absurda de querer mover sozinhos montanhas de problemas reais ou criados por nós mesmos. No entanto, real ou aparente, Jesus promete movê-las, as montanhas, mas somente graças a uma migalha de fé, um grão de mostarda de fé. Procurávamos a solução colossal, e eis que Cristo nos surpreende propondo-nos uma solução pequeníssima, simplicíssima: a fé.

Como os apóstolos, permanecemos um pouco perdidos ouvindo a resposta de Jesus à nossa grande preocupação diante dos problemas da vida. Nos sentimos perdidos, porque entendemos que a fé que Cristo nos propõe é um ato misterioso de nosso coração, no qual tudo depende de nós e tudo depende de Deus.

A exigência da fé é que depende de nós, de depender totalmente de Deus. Deus pode e quer mover nossas montanhas de problemas e dificuldades, para Ele tudo é possível, mas não quer fazê-lo sem que a nossa liberdade abra a porta de nossa vida e do mundo, à imensa potência de salvação e amor que Ele nos oferece. Deus é como um homem riquíssimo e poderosíssimo que mendiga para poder distribuir toda a sua riqueza e favores a quem abre as mãos para recebê-los. Deus mendiga mendigos que acreditam no dom que Ele nos quer fazer de Si mesmo.

### **Humildade transcendente de Deus**

Esta é a humildade de Deus manifestada totalmente em Cristo. A humildade de Cristo transcende completamente a nossa. Porém, vem em nosso encontro e pede para se expressar pela nossa salvação. Muitas vezes, aqueles que se compararam com a iniciativa de Jesus reagiram expressando o seu sentimento de inutilidade e incapacidade, mas tiveram que se render diante de tanta humildade, muito mais profunda e misteriosa que a deles. Maria, na Anunciação, se perturbada que um Anjo a visite e saude como cheia de graça, mas não é somente um Anjo a visita-la: o Filho de Deus, quer fazer-se homem nela. Então percebe que deve somente deixá-lo fazer: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa palavra” (Lc 1,38). José percebe que algo grande e misterioso estava acontecendo na vida de sua noiva. Decide reagir com humildade, e talvez humilhação, repudiando-a em segredo. O Anjo lhe revela a humildade salvadora de Deus que escolhe Maria como mãe e ele pai adotivo. Em silêncio, José deixa-o fazer e leva consigo Maria e o Menino (cf. Mt 1,20-25).

Esta dinâmica se reproduz de forma paradigmática no início e no final do ministério público de Jesus: no batismo no Jordão e na última Ceia, quando lava os pés dos discípulos. Nas duas cenas Cristo manifesta uma humildade que seus interlocutores não entendem. São João Batista e Simão Pedro têm, ambos, a reação do homem que não pode conceber que Deus é mais humilde do que ele. “‘Eu devo ser batizado por ti e tu vens a mim!’ Mas Jesus lhe respondeu: ‘Deixa por agora, pois convém cumpramos a justiça completa’. Então João cedeu.” (Mt 3,14-15). “‘Jamais me lavarás os pés!’ (...) ‘Se eu não tos lavar, não terás parte comigo.’ (...) ‘Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça’.” (Jo 13,8-9).

São reações de humildade humana, de sentido humano da indignidade. Mas Jesus, em ambos os casos, interrompe e pede aos dois para deixar fazer, de permitir ao mistério da humildade de Deus se expressar em suas vidas e no mundo, para que possa se realizar o desígnio da salvação.

O último profeta e o primeiro dos apóstolos são chamados a permitir para permitir que a humildade de Deus se expressasse sem objeções. E com isto Jesus os faz perceber que a humildade de Deus está em um nível diferente da humildade humana. A humildade de Deus é um abismo insondável, de uma profundidade que o homem não pode sondar com seu olhar, com seu juízo, porque no fundo do abismo da humildade de Deus está o próprio coração de Deus, o Seu infinito e ardente

amor, lá existem as relações trinitárias entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, a infinita afirmação amorosa do Outro que caracteriza cada pessoa da Trindade.

João Batista e Pedro gostariam de comparar seus sentidos de indignidade com a humildade de Cristo que os surpreende. Gostariam de esgotar a fonte que flui de um abismo insondável. Mas agora a fonte profunda do amor de Deus deve fluir, correr no mundo, contra todas as correntes do orgulho e humilhação que correrem na história humana desde o pecado de Adão. E agora essa fonte foi acolhida pela "fonte vivaz" da humildade sem pecado da Virgem Maria (cf. Dante, *A Divina Comédia*, Paraíso, XXXIII, 10).

A humildade de Cristo é um mistério que o homem não pode medir, porque é a "contramedida" a todos os valores do mundo, do qual o homem é chamado a confiar, deixando que isso aconteça, que se expresse, que se manifeste desde Belém até ao Calvário, para então permanecer no mistério da Igreja e da Eucaristia.

A humildade de Cristo é como a morte da semente na escuridão da terra, que milagrosamente produz vida, uma vida maior. A humildade de Cristo é a morte da semente da árvore da vida, a vida de todas as vidas, da ressurreição, da vida eterna. No seio de Maria, no silêncio de José, na água do Jordão, no mistério pascal, que o lava pés começa e expressa, a humildade de Cristo conduz Deus à morte que produz o fruto da vida eterna de toda a humanidade.

## **Deixar fazer**

"Deixa fazer!"

O convite breve e decidido de Deus a Maria, José, João Batista, Pedro, a cada um de nós, é um convite à fé. Você não vê, não entende, quer resistir, revoltar, sair, fugir, você não consegue conter em sua mente e em seu coração o abismo infinito de humildade do meu amor, mas podes confiar, podes acreditar, e acreditando podes permitir que este mistério aconteça, se expresse em sua vida e no mundo. "Bem-aventurada aquela que acreditou no cumprimento do que o Senhor disse!" (Lc 1,45).

A fé cristã não é apenas acreditar em Deus: é confiar no evento de Cristo justamente onde sua humildade se revela infinitamente mais profunda do que a nossa visão de homens indignos e orgulhosamente humilhados.

A fé abre-nos a uma glória que brota da humildade que não podemos compreender. Humildade e glória para os homens são incompatíveis. Por Cristo e em Cristo são, ao invés, inseparáveis. Porque ambas coincidem com a caridade, com o ser de Deus: "Deus é amor" (1 Jo 4,16).

Fé significa confiar do fato que na humildade de Cristo até a cruz, "se cumpre toda a justiça" (cf. Mt 3,15). Tudo se cumpre, tudo é perfeito no profundo da humildade de Cristo, que se esvazia de si para redimir a humanidade com o fogo do seu amor.

O “deixa fazer!” de Jesus coincide com um “deixa-me entrar!”, isto é, com a oferta de sua presença entre nós e em nós, que traz a salvação. A humildade de Cristo é um bater na porta de nossa existência, para entrar e jantar conosco (Ap 3,20), um bater de um mendigo, de um pobre que parece pedir tudo justamente no momento, no qual, vem oferecer-nos a Si mesmo. Abre-lhe a porta, quem não é perfeito, mas que compreende que sem Cristo está perdido, como os publicanos de seu tempo. Zaqueu sabe que é indigno de receber o Senhor em sua casa, mas sente que esta iniciativa de Jesus responde ao desejo profundo de seu coração de pecador. Ele o acolhe, e acolhendo-o, se sente ressurgir em uma nova humanidade que não acreditava possível para si: “Vendo isto, todos murmuravam e diziam: Ele vai hospedar-se em casa de um pecador! Zaqueu, entretanto, de pé diante do Senhor, disse-lhe: Senhor, vou dar a metade dos meus bens aos pobres e, se tiver defraudado alguém, restituirei o quádruplo. Disse-lhe Jesus: Hoje entrou a salvação nesta casa.” (Lc 19,7-9).

Somos salvos pela fé, mas a fé consiste no corresponder a iniciativa de Jesus Cristo que na infinita humildade do seu amor e no infinito amor de sua humildade nos pede para entrar em nossas vidas para compartilhá-la conosco, como numa refeição de comunhão. Então acontece o milagre da nossa conversão: a amizade com Cristo nos transforma, nos faz levantar, nos ressuscita e nos reencontramos capazes de dar mais do que roubar, felizes por perder a vida mais que ganhá-la, segurando e possuindo pessoas e coisas.

## **O acontecimento do Reino**

“Deixa fazer!”. E acontece o Reino de Deus!

A humildade de Cristo desde a encarnação no seio da Virgem, coincide com o advento do Reino de Deus no mundo, um evento que penetra e se manifesta em todos os lugares onde encontra apenas um grão de fé. Tudo é possível a Deus, e é esta a sua realeza, seu poder inconcebível. O Reino se manifesta onde a fé permite ao Senhor, o qual tudo é possível, expressar sua onipotência em nós, entre nós e no mundo.

Precisamos do impossível, precisamos do Reino de Deus. Isto não significa precisar de coisas maravilhosas, mas simplesmente o cumprimento de nossa vida, a plenitude do nosso coração, e também daquilo que precisam todos os homens. Jesus dá como exemplo de necessidade no qual o Pai provê, a necessidade de comer como as aves do céu comem, e de se vestir como se “vestem” os lírios do campo (cf. Mt 6,25-30). Quantas pessoas no mundo, e agora com a crise econômica muito perto de nós e entre nós, precisam do necessário para viver! É Reino de Deus também permitir ao Pai de dar-nos pão, roupas, empregos, habitação, educação, saúde... Por isso, Cristo nos pede de abrir-nos para o Reino de Deus, com a fé que opera mediante a caridade, com fé que nos permite privar-nos de nós mesmos, para compartilhar com aqueles que estão na necessidade.

A fé ouve o "deixa fazer!" de Cristo por trás de cada necessidade humana do qual não conseguimos responder sozinhos ou com nossas forças. E deixar Jesus fazer, significa também permitir que Ele nos dê a decisão, força e capacidade de doar nós mesmos, aquilo que temos e o que somos.

Maria, José, João Batista e Pedro entenderam, de fato, que o "deixa fazer!" que Deus pedia à eles não queria dizer simplesmente ficar de lado e deixar Cristo continuar sozinho sua missão. Entenderam que o "deixa fazer!" de Cristo deveria passar através deles, através de suas liberdades, suas vidas, seus corações. Eles entenderam que, se eles deixam a Cristo fazer, Ele os tomaria para dentro do acontecimento de seu Reino, e que suas vidas não mais seriam como antes. A docilidade da obediência cristã é como ser carregado por um rio que nos leva por rotas e para metas que não estavam em nossos projetos. O rio em que Cristo nos leva, se com fé o deixamos fazer, é o caminho, a verdade e a vida que Ele é para o mundo. Envolve-nos a segui-lo no caminho de sua vida e missão "para ter parte com Ele" (cf. Jo 13,8) ao Seu amor até o fim, ao martírio, à cruz.

### **"Quanto mais avançamos na vida monástica e na fé ..."**

São Bento resume essa consciência na última sublime frase do Prólogo da Regra que nos ajuda a entender o papel da fé em nossa vida e vocação:

"À medida que se avança no caminho da vida monástica e da fé (*processu vero conversationis et fidei*), se corre no caminho dos mandamentos de Deus com o coração dilatado pela doçura inexprimível do amor. E assim, sem nunca se afastar de seus ensinamentos, e vivendo no mosteiro firmes em sua doutrina até a morte, participaremos, por meio da paciência, à paixão de Cristo, para merecer ter parte com Ele no seu reino." (Prólogo 49-50)

A fé cresce no caminho da nossa vocação. Como a nossa vocação, esta é um "processo", em "processamento", que literalmente significa ir adiante. Fé e vocação são um caminho, o caminho da nossa vida que avança seguindo Cristo. A fé escuta o Senhor, sua palavra, seu chamado, e, confiando Nele, permite a mudança de vida que Cristo nos pede e nos oferece, dando-nos a graça de converter-nos continuamente. A fé abre, assim, nossa vida para a "doçura inexprimível do amor" de Deus, isto é, ao Espírito Santo que dilata nosso coração para correr neste caminho no seguimento de Cristo, que obedece ao Pai até a paciência total da Paixão. Para isso, precisamos, sempre na fé, não se distanciar de seus ensinamentos (*magisterium*), e perseverar até o fim em sua doutrina, na verdade que nos revela. O resultado deste caminho é a graça de ter parte com Cristo em seu Reino. Assim, como Jesus prometeu a Pedro, se deixasse lavar seus pés, ou como o promete ao ladrão arrependido crucificado ao lado Dele (cf. Lc 23,42-43).

São Bento, com a intensidade desta frase, quer sintetizar no início da Regra a intensidade de vida na qual somos chamados, que é uma intensidade de pertencer a Cristo que nos envolve, por meio da fé e da vida monástica, a nossa pessoa como um todo. Intensidade que envolve nossas vidas com a verdade e o amor de Cristo.

A fé cristã é a virtude que abre a nossa liberdade à verdade e ao amor do Senhor: é uma crença na palavra e no amor de Deus, na sua presença em nosso meio que nos fala e nos ama para levar-nos a aderir com toda a nossa vida à verdade do seu amor, que é o Reino de Deus que começa aqui e agora, para aqueles que acreditam Nele. Devemos meditar toda a Regra de São Bento como guia para este itinerário no qual cada aspecto e momento da vida humana é chamado a se tornar um progresso da vocação e da fé, um caminhar com Cristo, que une sempre mais, por meio da fé e do amor, nossa pobre pessoa à Sua.

É por isso que vivemos juntos, em comunidade. Estamos juntos para ajudar-nos a viver este caminho de conversão e de fé que dilata o coração em um amor “inexprimível”. Devemos sempre lembrar que a finalidade de nossa vida comum é, em fundo, a dilatação do coração de cada um, no amor de Cristo. Há realmente esta preocupação em nossos relacionamentos? Vivemos em nossas comunidades uma fraternidade preocupada com o coração de cada um, isto é, preocupada que cada um cresça no amor e alegria? Vivemos a nossa vocação monástica com a diligência missionária para que cada homem viva com o coração dilatado pela fé e pelo amor de Jesus?

Na noite de Natal, todos os anjos do céu comunicam sua alegria e luz ao coração de alguns pobres pastores perdidos na noite (cf. Lc 2,13-14). Também nós somos chamados e enviados a esta evangelização dos pobres, a evangelização dos corações, começando do nosso coração que pede à nossa liberdade e compromisso para receber a verdade e o amor que o dilata. Somente então o nosso coração, o nosso “homem interior” (Ef 3,16), recebe a força de correr a nossa vida no caminho da vontade de Deus, torna, isto é, o centro e sujeito da vida nova em Cristo, para nós e para outros.

## **A fé de Abraão**

“Abraão creu em Deus e isso lhe foi imputado em conta de justiça.” (Rm 4,3; Gen 15,6). Abraão expressou sua fé partindo de seu país para uma terra prometida pelo Senhor, uma terra de plenitude e fecundidade ilimitadas. Ele também “deixou fazer” obedecendo, confiando toda a alegria e a fecundidade da sua vida ao Senhor, que prometeu a ele.

Também nós somos chamados, sempre de novo, a viver a fé deixando as nossas seguranças, nossos projetos, para entrar em uma terra que não é nossa, a terra do Reino. Cristo, porém, revelou que esta “terra prometida”, condição de toda verdadeira fecundidade da vida, é o húmus silencioso e escondido da sua humildade. A humildade de Cristo é a “terra” na qual Deus nos promete, na dilatação do coração à medida sem medida do seu amor, toda a fecundidade de nossa vida.

A vocação e resposta da fé de Abraão são o paradigma de toda vocação. A fé é o fundamento de toda vocação, porque é a graça e a virtude da adesão e participação

em Cristo, “o caminho, a verdade e a vida” de cada homem (Jo 14,6). Sem fé não existe vocação, nenhuma vocação, porque não haveria reconhecimento e adesão a Cristo que nos ama, nos chama e nos conduz, sempre na fé, a viver de seu amor, na esperança da vida eterna na casa do Pai. Se amamos Cristo e a nossa vocação, se queremos vivê-la de verdade, devemos sempre nos perguntar se a vivemos fundados na fé como única segurança, que ninguém pode nos tirar.

Só o fundamento da fé enraíza em Cristo tudo o que vivemos: “caminheis no Senhor Jesus Cristo, como recebestes, enraizados e edificados nele, inabaláveis na fé” (Col 2,6-7). O fundamento da fé nos faz livres, livres dos ídolos que nos ligam a nós mesmos, aos nossos projetos, medos, que nos dividem dos outros. A grande escolha da vida está entre a fé em Cristo e os ídolos. Os ídolos nos separam de Cristo e dos irmãos, porque nos impedem de nos fundar Nele. O resultado do apego aos ídolos é a morte, o não viver na liberdade dos filhos de Deus.

Um episódio do segundo livro dos Macabeus sempre me faz pensar. No final de uma batalha, os judeus foram para recolher os corpos de seus mortos. "Ora, sob a túnica de cada um encontraram objetos consagrados aos ídolos de Jânia, proibidos aos judeus pela lei: todos, pois, reconheceram que fora esta a causa de sua morte." (2 Macabeus 12,40).

Talvez também nós devemos sempre ir ver se debaixo aquilo que em nós não é realmente vivo e livre, se não se esconde um ídolo a quem confiamos a salvação e a alegria da nossa vida, ao invés de Cristo. A fé, de fato, nos dá vida, liberdade e unidade com os irmãos e irmãs, unidade com todos.

### **O conforto recíproco da fé**

São Paulo fala no início da Carta aos Romanos do conforto recíproco que podemos oferecer com a fé: “dou graças a meu Deus, por meio de Jesus Cristo, por todos vós, porque em todo o mundo é preconizada a vossa fé. (...) Desejo ardentemente ver-vos, a fim de comunicar-vos alguma graça espiritual, com que sejais confirmados, ou melhor, para me confortar juntamente convosco naquela vossa e minha fé que nos é comum.” (Rm 1,8.11-12)

É a fé de cada um que nos permite edificar e confortar uns aos outros. O testemunho de uma fé vivida é um dom que se transmite a todos, sem diminuir naquele que dá, e faz crescer a fé do outro. Não podemos dar-nos um dom melhor do que aquele de confortar-nos na fé, porque isso significa doar-nos reciprocamente uma possibilidade de intensidade e plenitude de vida que somente Cristo torna possível, por meio de todas as provas e limites, até mesmo o pecado e a morte. Jesus louvou a fé dos pobres e pecadores, dando-lhes uma plenitude de vida, cura, perdão e salvação inconcebíveis ao homem.

Em nossas comunidades, Ordem, Igreja, quem conforta nossa pouca fé são justamente as pessoas e as comunidades mais frágeis, que na provação testemunham uma fé maior do que o nosso limite.

Precisamos, todos, deste “conforto por meio da fé” para superar com Cristo e em Cristo a crise que vivemos em vários níveis. Precisamos de fé antes de todo o resto, antes do bem-estar, das vocações, da unidade e a harmonia das comunidades, antes da santidade, porque a fé é a condição de todo o resto, e se procuramos todo o resto sem fundar a nossa fé, mesmo se conseguimos, será estéril, porque não receberemos como uma graça.

A fé nos permite acolher tudo como graça, e portanto acolher os dons como carismas, ou seja, expressões e sinais do doar-se de Deus ao mundo; com a fé, os dons e carismas permanecem dons de Deus e não se tornam ídolos do orgulho que matam, em nós, a vida e vocação. A fé sempre coloca tudo nas mãos do Senhor, a fim de que, seja sempre Ele o sujeito daquilo que fazemos.

A tentação de pedir uns dos outros outra ajuda que aquela do conforto na fé, nos enche de pretensão recíproca. E a pretensão leva à ilusão que sempre termina em decepção. Dar-nos, em vez, o conforto da fé, significa ajudar a reconhecer Jesus presente e atuante entre nós, e então tudo se torna possível, porque Ele realmente pode tudo.

Talvez devemos perdoar reciprocamente todas as ocasiões e todas as atitudes nas quais pedimos uns aos outros, mais do que o conforto da fé, porque esta pretensão nos leva à decepção e divisão dos corações.

Entretanto a fé recupera todos. A fé é uma potência de ressurreição do amor sempre possível. Pela fé, sempre se pode recomeçar as relações, obras, caminhos, porque a fé não inicia a partir de nós mesmos, de nossa boa vontade, capacidade, nem de nosso limite ou pecado, mas do Senhor que nasceu, morreu e ressuscitou por nós. Pela fé se pode recomeçar toda uma vida perdida, mesmo em seu último momento, como o ladrão arrependido que, mendigando com fé a salvação, permitiu a Cristo transformar sua morte em nascimento para a vida eterna.

Na fé, cada circunstância é Natal!

Felicidades de coração a todos!

A handwritten signature in black ink, reading "Ir. Mauro-Giuseppe Lepori" with "Ab. gen." written below it.

Ir. Mauro-Giuseppe Lepori  
Abade Geral OCist